

APRESENTAÇÃO DO DOSSIÊ:

*O século XVI: interfaces entre o Velho Continente e o Novo Mundo*

Organizador:

Luiz Antonio Sabeh

UNIFAL-MG

luiz.sabeh@gmail.com

O século XVI foi um período efervescente para o Ocidente. No Velho Continente estavam em curso intensas revoluções no campo cultural e no religioso. Ao mesmo tempo, a expansão das Coroas ibéricas contribuía para o nascimento de novos olhares sobre o homem e o mundo e de políticas de intervenção em uma realidade tida como sendo de crise. O encontro com o mundo físico tal como ele é passava a exigir a busca de novas construções imaginárias para os europeus lidarem com uma nova realidade que se apresentava. Mais que isso, estimulava o emprego dos novos recursos técnicos e científicos que nasciam das revoluções em curso para que a Europa cristã conquistasse aquele novo e extraordinário mundo. Não obstante, esse foi o período da “desforra do imaginário”<sup>1</sup> de que falou Bartolomé Bennassar, mas, sobretudo, foi o momento em que as histórias de inúmeras sociedades se conectaram em função das ações encabeçadas pelos poderes políticos e religiosos e pela massa de anônimos que se lançaram além-mar para incorporar o orbe recém-desvelado à cristandade.

Este dossiê tem como objetivo trazer reflexões sobre algumas temáticas que gravitam na órbita desses processos históricos que têm o século XVI como seu ponto de partida ou como o momento definidor de suas características essenciais. Por isso, reúne artigos que se debruçam sobre fontes históricas produzidas por agentes da religião e da empresa ultramarina europeia e que problematizam e discutem questões historiográficas pertinentes a esse amplo universo da história da expansão ibérica na Época Moderna.

Os dois primeiros artigos desbravam as conquistas; não as territoriais que originaram os impérios de Portugal e da Espanha, e sim as do plano das mentalidades e das ideias que, antes de permitir a chegada dos europeus a novos mundos, promoveram a inserção das novas terras e de sua gente no imaginário cristão. Tiago Bonato, por exemplo, discute as mudanças nas técnicas empregadas na produção de mapas e de cartas de

---

<sup>1</sup>BENNASSAR, Bartolomé. Dos mundos fechados à abertura do mundo. In: NOVAES, Adauto (org.). *A descoberta do homem e do mundo*. São Paulo: Funarte/Companhia das Letras, 1998, pp. 83-93.

navegação, aspecto essencial da empresa ultramarina que resultou na tessitura de um império-rede para Portugal. Destaca, nesse exame, a influência mútua entre a cartografia e as revoluções culturais em curso na Europa que incidiram não só na leitura de um mundo físico que se apresentava, mas nas técnicas empregadas para representar esse orbe à cristandade.

Já Cleber Vinicius Amaral Felipe analisa os relatos de naufrágio elaborados pelos portugueses para deles extrair a matriz do pensamento lusitano quinhentista. Seu intuito? Nos oferecer as diretrizes para a sua análise como fontes históricas privilegiadas para a compreensão do projeto político-religioso de construção do império português. Nesse exercício, demonstra como as análises que levam em consideração apenas os aspectos estéticos de sua literatura são insuficientes para nos dar a entender os exercícios de retórica que revelam que os objetivos desse gênero literário era conformar uma identidade ideológica do ser português e do Estado luso.

Outros dois artigos mergulham em temas estruturantes que nos permitem compreender as bases político-religiosas que sedimentavam a monarquia portuguesa e que norteavam a construção do império: a atuação da Companhia de Jesus e a prática do degredo. Em artigo de minha autoria, analiso os aspectos gerais do empreendimento missionário da Companhia de Jesus no império português em um período em que a ordem religiosa teve privilégio para atuar nos domínios de Portugal. Fundamentado em uma farta documentação produzida por jesuítas que atuaram na América, Ásia e África, o texto analisa os elementos condicionantes da missão jesuítica que promoveram convergências e divergências na atividade apostólica em espaços diferentes do império. Assim, além de refletir sobre aspectos específicos da história das missões jesuíticas, também destaca a importância que a evangelização teve na estruturação do império português no século XVI.

Geraldo Pieroni, por seu lado, nos apresenta um universo importante da formação e manutenção do império português e de suas colônias ultramarinas: a prática do degredo. Para analisar a trajetória de D. Francisco Manuel de Melo, filósofo e poeta lusitano degredado para o Brasil, o autor mergulha na legislação portuguesa da Época Moderna; nos explica o funcionamento das práticas punitivas portuguesas que alimentavam o desterro como política de normatização social em Portugal (e, ao mesmo tempo, de povoamento das colônias ultramarinas); e analisa, com profundidade, como essas políticas lusas se refletiram

no Brasil Colonial. Nesse exercício, Pieroni chama a atenção para o olhar pejorativo da nobreza portuguesa sobre a Terra de Santa Cruz – local de desterro – mas, ao mesmo tempo, destaca o papel preponderante que os indesejados e excluídos de Portugal tiveram na construção do Brasil.

Por esta razão, espera-se que esse dossiê permita o trânsito dos nosso leitores em diferentes universos da história da expansão ultramarina e das que se com ela se conectam através das temáticas aqui abordadas. O maior desejo da *História Revista* é que, com este dossiê, naveguemos por mares já navegados que, ao serem revistados, nos revelem novos pontos que a historiografia possa desbravar.